



## À Comunidade do IPVC

A todos saúdo, fraternamente, no início de mais este ano lectivo.

Que tenham tido umas férias reparadoras. Vamos precisar muito das energias de todos para dar vida e excelência a este novo ano lectivo. Não tomem por excessivo que vos diga que ainda não fui de férias e que acabo, mesmo, de passar dois meses, dos mais complicados de que tenho memória. Aguardo que o ano lectivo se inicie, o que vai acontecer, estou certo, com normalidade, pela dádiva de todos, para dar uns dias ao meu descanso.

Não é meu hábito falar-vos por esta altura. Faço-o porque entendo apropriado e necessário partilhar convosco os bons e os maus momentos da vida da nossa Instituição e, sobretudo, quando ela atravessa grandes desafios, como agora. A construção das respostas terá de ser sempre “nossa”, porque partilhada. De outra forma, não seremos comunidade.

Vive, o mundo, uma grande crise. Não é novidade. É global no mais inteiro (e até requintado) sentido da palavra, tal qual eu a vejo, claro! Creio que as coisas nunca são como “são”. São sempre como cada um de nós as vê.

Não sou, por falta de jeito, muito dado a cortejar crises. Elas não se apoucam com os nossos galanteios ou lamúrias. Prefiro, por isso, conhecê-las e encará-las na rudeza do que nos impõem e combatê-las nas causas. Essas causas, diz a história, emanam quase sempre de distúrbios nos valores que deveriam envolver a condição humana, e, muito especialmente, a cidadania. São, por isso, lutas tremendas de culturas e de gerações. Estão, assim, fora desta minha conversa convosco, agora e aqui, mas nem por isso deixo de vos convidar a estarem atentos ao mundo que corre e que somos. Ele só muda se corrermos com e dentro dele, tendo opinião e participação, diversas, certamente, mas tendo. O mal maior que as crises disseminam é a apatia, filha do desalento e da falta esperança. Mas esse não pode ser o caminho. Muito menos, o nosso caminho. Atentos a isto.

Começemos, então, pelo positivo, como useiramente faço, creio, já, que por vício. Este fim de semana tivemos uma importante recompensa: os resultados das colocações de alunos no IPVC. Há muitos e complexos prismas para a sua análise, evidentemente. Há, no entanto, uma verdade clara nestes números: somos a quarta Instituição politécnica mais procurada pelos estudantes e suas famílias, logo depois de Porto, Lisboa e Coimbra, zonas de grande densidade populacional e à frente de todas as outras, muitas delas com densidades populacionais muito superiores à nossa. Não é abusivo concluir-se que o IPVC tem hoje um prestígio que lhe é próprio e que há notícia e reconhecimento desse prestígio (notoriedade) na região e no país.

Duas palavras sobre este assunto: a primeira, um profundo OBRIGADO institucional. Os resultados das colocações não são achados “milagrosos”. São consequência da avaliação (feita pela sociedade) ao trabalho de todos nós; a segunda, aceitem que não há bem mais precíavel de que o “prestígio”, nestes e noutros casos. O prestígio de que falo e que move as pessoas até nós é “vivo” e alimenta-se no trabalho sério, dedicado e na afectividade que cada um de nós seja capaz de colocar no seu desempenho. Assim se constroem as instituições. Este prestígio não tolera o desleixo de ninguém. Sofre com ele. Prossigamos porque o caminho é este – a participação é que tem de aumentar. Precisamos, cada vez mais, da maior qualidade e do melhor desempenho de cada professor, de cada funcionário e de cada aluno; precisamos, cada vez mais, de estar ligados a outras instituições congéneres, nacionais ou estrangeiras, que nos ajudem a ter escala, diversidade de oferta, com quem partilhemos saberes, projectos e pes-

soas; precisamos de selar, definitivamente, um pacto com a nossa região, vivendo-lhe a vida e a cultura, e vivendo com cumplicidade o seu desenvolvimento, centrado nas pessoas e no seu bem-estar.

Nos três últimos anos experienciámos grandes avanços no desenvolvimento da Instituição e fizemo-lo com elevado grau de equilíbrio financeiro. Ao nível do património edificado terminamos a nova ala da Escola Superior de Educação e substituímos o telhado no antigo edifício, instalamos o aquecimento; estamos, agora, na fase final da construção do Pavilhão Pedagógico da Escola Superior de Saúde; estão em bom ritmo, também, as obras de construção da Escola Superior de Desporto e Lazer, de Melgaço e iniciar-se-ão, dentro de dias, a construção das novas instalações da Escola Superior de Ciências Empresarias, de Valença. O valor destas obras ultrapassa os 25 M€ e são indicativas da nossa boa capacidade de execução de fundos europeus e do excepcional relacionamento que temos com as nossas autarquias, de cujo trabalho, em parceria constante, resultam algumas destas obras. Fizemos, também, dos maiores investimentos de sempre nos nossos laboratórios e o maior investimento de sempre, igualmente, no melhor do nosso património – as nossas pessoas – com os programas de apoio a formação avançada e de formação de pessoal.

Nos últimos três anos, ainda, deixámos de viver os constantes sobressaltos orçamentais que vivíamos anteriormente. Foram vários os factos que o explicam. O novo modelo de organização institucional, muito mais racionalizado, trouxe-nos grandes poupanças; o facto de o IPVC ter conseguido explicar às instâncias do governo (economia e tutela) a natureza crónica do nosso *deficit*, cuja origem se encontra no peso que o histórico tem nos novos orçamentos, tarefa facilitada pelo facto do IPVC desempenhar cargos cimeiros na coordenação do ensino superior no país, e, ainda, por terem aumentado, com relevância, as prestações de serviços à comunidade.

No último ano o Contrato de Confiança, assinado com o governo anterior, permitiu-nos aumentar, de modo significativo, a oferta formativa, sobretudo em mestrados profissionalizantes, em ciclos de estudo em regime nocturno e CET. Quero lembrar que a oferta formativa em regime nocturno se destina, segundo a intenção explícita que a motivou a sua criação, à formação de activos profissionais, havendo até a clara intenção do anterior governo e a pedido de muitas instituições, em dar uma clara prioridade no acesso a este tipo de candidatos, em detrimento do contingente geral (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> fases da colocação nacional).

Terminou esta bonança, infelizmente. Todos o sabem. É bom, por isso, que olhemos em frente. Por razões que todos conhecem, este ano, teremos um corte orçamental que rondará os 1,7M€ sobre o orçamento de 2011, já depois de sobre ele terem sido efectuados os cortes a que assistimos no ano em curso. Isto, associado à crescente dificuldade de bem cobrar propinas e à brutal diminuição da venda de prestação de serviços, cria-nos um quadro de particular complexidade e nunca por nós experienciado.

Não há muitas nem mágicas soluções. Teremos de reflectir o corte tanto nas despesas com funcionamento como nas despesas com pessoal, com a racionalidade que nos permita continuarmos a trabalhar como Instituição e com dignidade. O funcionamento está na nossa mira constante desde há anos e temos conseguido bons níveis de racionalização, trabalho que iremos prosseguir com rigor, obviamente. Ao nível do factor humano só poderemos reduzir, claro está, reduzindo a participação daqueles que não têm vínculo de trabalho duradouro com a Instituição.

Mas este problema só será minorado, caros docentes e não docentes, se encontrarmos disponibilidade da vossa parte para um esforço adicional concreto: ligeiro aumento do número horas na componente lectiva da carga horária semanal de todos os docentes com vínculo duradouro à Instituição; aumento e diversidade das tarefas dos funcionários não docentes. Se tal não se verificar, a solução alternativa é encerrar ciclos de estudos. Como não poderemos fechar primeiros ciclos diurnos porque, se os fecharmos este ano, não os poderemos voltar a abrir e perdê-los-emos, teremos, então, de encerrar primeiros ciclos em regime nocturno, mestrados e CET.

Esta última opção (a redução de mestrados e CET) implica, obviamente, a redução, que pode vir a ser muito significativa, do número de estudantes. Ora, o crescimento do número de alunos é um objectivo soberano da nossa Instituição. Um indicador muito usado, ultimamente, com fins nem sempre desinteressados, diga-se, é o da “taxa de actividade” que tem sido calculada dividindo o total de alunos no ensino superior pelo total de alunos que frequenta uma Instituição. No nosso caso este valor ultrapassa, em poucas décimas, o 1%. Tenho muito medo que se descermos para a barreira (psicológica) dos zero vírgula qualquer coisa por cento..., do modo que o mundo vai, nos tornemos presas fáceis da pergunta: Uma Instituição com esta dimensão? O que a justifica? Nós somos das mais

pequenas instituições do país em número de alunos, recordo, porque não podemos aumentar o número de primeiros ciclos as quais, como sabem, é a base sustentação do número de alunos das nossas instituições.

Há muita gente, no próprio sistema, obviamente, a rebentar de vontade e à espera do momento certo para disparar perguntas destas. Ninguém duvide disto, também.

A resposta só pode ser uma, obviamente: esta Instituição existe e deve existir porque ela é o motor e o garante do desenvolvimento desta região e das suas pessoas. E o nosso crescimento institucional tem de fazer-se, cada vez mais, pelo confronto com este desafio.

Caros membros desta comunidade e em resumo:

Temos uma Instituição constituída por pessoas de elevada craveira humana, cultural, científica, técnica, de trabalho, de empenho e de rigor; temos um património já edificado e em construção dos mais ricos do país, comparando-nos com instituições congéneres; temos o prestígio que nos coloca logo depois do Porto, Lisboa e Coimbra na preferência dos alunos e das suas famílias; temos uma região (instituições e pessoas) das quais recebemos diariamente provas de que nos querem e que nos querem fortes (vejam-se, a propósito, os últimos programas eleitorais dos diferentes partidos políticos). A região quer-nos fortes porque somos das principais partes interessadas e decisivas, antes de quaisquer outros, no seu próprio desenvolvimento.

Temos, agora, também, uma crise terrível que pede, antes de mais, o esforço aumentado de todos quantos dão alma à Instituição. Estou certo desse esforço. Certo, confesso-vos. Já, no imediato, ele tem de traduzir-se num aumento da carga lectiva por docente e no aumento da diversidade e das funções por funcionário. A mão da obra é a variável avassaladora na nossa estrutura de custos, como compreendem. As Direcções das Escolas, o CTC, os Coordenadores das Áreas Científicas e Grupos Disciplinares estão empenhados na redistribuição do trabalho dos docentes, segundo estas directivas. Ajudem-nos, por favor. Disponibilizem-se para este esforço e falem com os vossos Directores no sentido de se organizarem e ajudarem no arranque atempado do ano lectivo. É o tal prestígio que, além de muitas outras coisas, traz alunos. Todos fazem falta. Há horários a fazer. Há milhões de outras coisas que têm de ser feitas. Recebei o melhor possível cada um dos nossos alunos. A vossa boa vontade é decisiva para superarmos a situação que atravessamos e sempre em nome dos mesmos: da Instituição, do país, da região e, não duvidem, igualmente, de nós próprios e da sustentabilidade do nosso posto de trabalho, que é uma preciosidade cada vez mais rara, embora muitos de nós, perdoem-me a franqueza, não tivessem ainda dado por isso nem me parecem conscientes de que não é um bem sem fim.

Contem com a minha entrega sem limites, como sempre.  
Conto com todos vós.

Um Bom Ano Académico.

Viana do Castelo, 19 de Setembro de 2011

**O Presidente do IPVC**



---

**Rui Teixeira**